

Janeiro Fevereiro Março 2018

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest

Festival Rescaldo



Pequeno Auditório, Garagem
da Culturgest, Panteão Nacional
6€ (preço único) · M6

Comissário Travassos **Textos** Rui Pedro Dâmaso
Ilustração Travassos **Produção** Culturgest / Trem Azul
Parceiros de comunicação Wake Up!

O 11.º Festival Rescaldo continua a afirmar-se como local privilegiado para sentir o pulso à criação sonora “sem rede” do país. Cada vez mais um espaço que não apenas celebra as músicas aventureiras que mais se destacaram nos últimos meses, como também projeta alguns dos novos valores que marcarão a agenda vindoura e desafia artistas idiossincráticos a estabelecer novos laços e colaborações, regressa à Culturgest e ao Panteão Nacional com propostas de descoberta sónica de primeira linha.

Os instrumentos eletrónicos estarão particularmente presentes, nas suas múltiplas identidades e nas colorações que percorrem os seus infindáveis espectros – da plasticidade digital mais assumida à radiação e organicidade elétricas –, bem como em diversas intersecções com a instrumentação acústica, em tangentes ao jazz, ao rock e à composição contemporânea; vários serão também os espetáculos que colocarão em cena o silêncio e os espaços enquanto elemento central no diálogo e discurso sonoro.

Os onze concertos em cartaz atravessarão, como habitualmente, várias gerações, escolas e percursos, numa mostra que deixa clara uma linha de continuidade criativa ao longo das últimas décadas no panorama português, com incontáveis e ricas variações, associações e ramificações que têm consistentemente feito do país um espaço criativo de invulgar vitalidade no que diz respeito às músicas inclassificáveis.

The 11th Rescaldo Festival will once again be the place to hear the most adventurous music of recent months, launching new acts and challenging idiosyncratic artists to establish new collaborations. Electronic instruments will play a major role, showing their highly electric multiple identities, offering acoustic crossovers with hints of jazz, rock and contemporary composition and making silence and spaces a central element. Eleven concerts at Culturgest and the Panteão Nacional will bring together various generations and schools, highlighting the rich variations in this unclassifiable music.

festival-rescaldo.info
facebook.com/rescaldo

Sex 16 de fevereiro
Pequeno Auditório · 21h30
Duração: 1h45 com intervalo

© Pedro Sadio



Maria da Rocha
Beetroot

Violino, eletrônicas
Maria da Rocha

Maria da Rocha é uma jovem violinista e violetista, de formação clássica mas com um especial e saudável interesse pelas mais diversas linguagens, particularmente materializado pelo valor que deposita em processos individuais e coletivos de composição ou de improvisação.

Particularmente ativa entre o eixo Lisboa-Berlim-Estocolmo, conta no seu currículo com residências em vários estúdios de renome na experimentação eletroacústica (tendo, em especial, trabalhado no mítico EMS da capital sueca), bem como um enigmático e fascinante disco em duo com a “eletronicista” Maria W. Horn (na incontornável editora lusa Creative Sources), feito de diálogos entre a viola de arco e o seu processamento eletrónico em tempo real. O universo sonoro deste documento evolui para o novíssimo trabalho *Beetroot*, disco em

solo absoluto a lançar no dia pela Shhpuma, e que constituirá a base da sua atuação na abertura do Rescaldo 2018.

Diana Combo + Rafael Toral + Pedro Centeno
Mínimo de Obstrução II

Bateria, declamação Diana Combo
Eletrônicas Rafael Toral
Roda de bicicleta modificada Pedro Centeno

Mínimo de Obstrução II é, mais que um concerto, a instauração de um lugar sonoro pluridisciplinar, no qual a palavra – literal, poética, metafórica – ocupa um espaço fundador. Peça originalmente criada por ocasião das comemorações do centenário da Conferência Futurista de Almada Negreiros, reinventa de forma aparentemente aleatória várias das preocupações – políticas, estéticas – levantadas

© Nuno Martins



no *Ultimatum* de Almada, com uma situação-ambiente como pano de fundo e fio intersector para as afirmações e interrogações sónicas de Diana Combo, Pedro Centeno e Rafael Toral, músicos de gerações, abor-dagens e *backgrounds* distintos, unidos pela dedicação à composição em tempo real, pela atenção ao detalhe e pela minúcia do seu labor sonoro.

Sáb 17 de fevereiro
Pequeno Auditório · 21h30
Duração: 1h45 com intervalo

© Nuno Martins



Joana Guerra

Violoncelo, voz Joana Guerra

A voz e o violoncelo de Joana Guerra têm sido figuras consistentemente presentes na última década de movimentações sonoras mais ou menos subterrâneas na cidade de Lisboa – perde-se a conta às dezenas de contextos em que já a vimos atuar, quer integrando bandas ligadas às mais diversas camadas e franjas (muitas vezes diametralmente opostas) do rock e da pop, quer em cenários de pura improvisação livre com vários dos mais relevantes nomes desta prática, quer acompanhando autores e compositores idiossincráticos (como por exemplo o pianista Tiago Sousa), quer ainda, e com particular relevo nos últimos 4 ou 5 anos, apresentando-se a solo e dando a conhecer uma linguagem que rapidamente se tem vindo a tornar muito própria.

É precisamente a solo que se apresentará no Pequeno Auditório, trazendo consigo as canções de *Cavalo Vapor*, segundo álbum em nome

próprio lançado nos momentos finais de 2016, que evidencia essa rápida conquista de uma identidade. Dando prova de uma forma muito particular de trabalhar influências e estilos, canta-se o português, o inglês, o francês, e pressentem-se figuras tutelares como Joanna Newsom, Teresa Salgueiro ou, mais especialmente, Mimi Goese (e os incomparáveis Hugo Largo), na forma como um sopro etéreo de uma certa “mediterraneidade líquida” emana da sua música.

Harmonies

Piano Joana Gama
Eletrônicas Luís Fernandes
Violoncelo, eletrónica Ricardo Jacinto

Harmonies é um projeto de Joana Gama, Luís Fernandes e Ricardo Jacinto, criado por ocasião dos 150 anos do nascimento do francês Erik Satie.

O piano, a eletrónica e o violoncelo celebram Satie em dimensões que vão para além das estritamente musicais (através da integração de estudos visuais, caligráficos e das próprias notas do icónico compositor), num espetáculo de carácter marcadamente imersivo – e no qual a componente cenográfica se constitui como

© Nuno Martins



um elemento artístico mais –, feito da interpretação de fragmentos de peças mas também, e sobretudo, de um diálogo com o próprio legado e com as significações subjetivas de uma obra vasta, única e ainda hoje de tal modo desafiadora.

Dom 18 de fevereiro
Panteão Nacional · 16h30
Duração: 45 min.
Entrada sujeita a pagamento de bilhete no Panteão Nacional

© Estelle Valente



Joana Gama

Piano Joana Gama

A pianista bracarense Joana Gama apresenta-se este ano no Rescaldo em dois contextos diferentes; se, no trio *Harmonies*, demonstra a natureza colaborativa do seu percurso recente e a sua capacidade de diálogo com as mais diversas fontes sonoras, neste recital a solo no emblemático Panteão Nacional oferece-nos a oportunidade de testemunhar, com a delicadeza e precisão que o local proporciona, o universo musical que claramente constitui o motor primeiro (e arriscamos dizer, fundamental) da sua visão artística: a escolha de Morton Feldman, John Cage e Erik Satie para reportório desta atuação denota, de forma

inequívoca, a exacerbação do papel do silêncio na sua música (ou não falássemos de três compositores que marcaram e alteraram para sempre a música na sua relação com a ausência de excessos e na redução do *corpus* sónico ao essencial), e promete, pela majestosa ressonância do monumento, um diálogo diferente: entre artista, entre autor, e entre o próprio espaço vazio.

Sex 23 de fevereiro
Garagem Culturgest · 21h30
Duração: 2h sem intervalo

Vítor Rua & The Metaphysical Angels

Guitarras Vítor Rua
Trompeta Nuno Reis
Clarinetes Paulo Galão
Contrabaixo Hernâni Faustino
Teclados Manuel Guimarães
Bateria Luís San Payo

Depois de uma sequência de discos nos quais a guitarra se constituía como elemento exclusivo, meditativo e mediador na forma como moldava o silêncio e a ausência (conferir o belíssimo *Heavy Mental*, por exemplo), Vítor Rua regressou no final de 2017 com um álbum duplo cujo título desvenda desde logo o novo rumo tomado (*Do androids dream of*



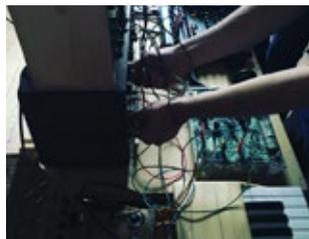
Electric Guitars?). A guitarra é, novamente, a voz principal, quer nas versões solo quer nas interpretações do grupo que constituiu para o acompanhar (Hernâni Faustino no baixo, Paulo Galão nos clarinetes, Nuno Reis na trompete, Luís San Payo na bateria e Manuel Guimarães no piano – os *Metaphysical Angels*) e que subirá ao palco na garagem da Culturgest, mas a este quasi-maximalismo de meios não corresponde necessariamente uma música de sobreposições ou de volumes exacerbados, antes uma circularidade de movimentos aparentados dos vários jazzes – com curiosas reminiscências de um certo som de Chicago na década de 1990 que ajudou a cunhar uma das linhagens do que veio a chamar-se *post-rock* – precisamente aquela que unia a escola jazzística com as várias linguagens da improvisação não-idiomática e da composição contemporânea. Uma surpresa, vinda de um músico que constantemente se reinventa.

Citizen:Kane & Hobo

Eletrónicas

Marco Guerra, Zé Diogo

Lançado nos primeiros meses de 2017, *Lo-fi Expeditions* é



um dos objetos discográficos mais inesperados e inclassificáveis do ano que celebramos. Unindo dois produtores (Marco Guerra *aka* Citizen:kane e Zé Diogo Mateus *aka* Hobo) que celebram as fontes sonoras sintéticas como matéria-prima dançável (e que gravitam ambos em volta do trabalho persistente e meritório da promotora e editora Fungo), esta colaboração resulta numa música alienígena, fascinante e mais indicada para a contemplação extática (e estática) do que para as pistas de dança. Pontos de contacto, se os há, poder-se-ão encontrar no trabalho mais abstrato e de temática interplanetária de Jeff Mills, curiosamente ou talvez não um músico (um mestre!) que do *dancefloor* se “lançou” para o espaço sideral.



Mmmooonnooo + Quim Albergaria

Eletrónicas Daniel Neves
Bateria Quim Albergaria

Daniel Neves *aka* Mmmooonnooo é um dos nomes emergentes de uma Lisboa cuja riqueza nos mais diversos extremos e fronteiras da criação “sem género” deve, definitivamente, ser objeto para um estudo aprofundado. O músico é autor de uma ele-

trónica que deixa transparecer a sua educação “metaleira” – ambiental, hipnótica, mas sempre sustentada por uma base rítmica crua e assertiva – validada e aprimorada pela residência na Red Bull Music Academy de Tóquio que efetuou em 2015, e ampliada na sua dimensão colaborativa em vários encontros ao vivo com outros nomes da nova geração lisboeta (como Polido ou OWWK). O seu percurso, curto mas rico, atinge no entanto o seu zénite no cruzamento com um dos músicos e bateristas marcantes de uma geração-chave em todas estas movimentações atuais – Joaquim Albergaria – que com o seu músculo distintivo oferece uma propulsão rítmica única que transporta esta eletrónica rugosa e desafiante para uma dimensão física e psíquica simultaneamente subterrâneas e estratosféricas.

Sáb 24 de fevereiro
Garagem Culturgest - 21h30
Duração: 2h sem intervalo

EITR + Gabriel Ferrandini

Saxofones, eletrónica Pedro Sousa
Sousa *Gira discos* Pedro Lopes
Bateria, percussão Gabriel Ferrandini

O duo EITR é um dos projetos com maior longevidade no

© Rita Sousa



seio da riquíssima “cena” de jazz e música improvisada de Lisboa, ainda que o número de edições ou aparições públicas não o faça parecer. Unindo Pedro Lopes, originalíssimo giradisquista radicado em Berlim, ao saxofonista Pedro Sousa, nome que cada vez mais dispensa apresentações tal é o alcance, volume e qualidade do seu trabalho junto dos vários *jazzmen* nacionais e internacionais de relevo nos últimos anos, a música dos EITR é um OBJETO vivo, em permanente mutação, movendo-se entre as linguagens que mais facilmente reconhecemos como eletrónica, como *ambient* ou como jazz sem, todavia, se fixar num patamar que permita a catalogação. Após integrarem, merecidamente, o cartaz do último Jazz em Agosto, apresentam-se neste Rescaldo fiéis à sua inclassificabilidade, com a presença do prodigioso baterista e percussionista Gabriel Ferrandini a prometer ainda mais territórios por cartografar e mais interações tímbricas e rítmicas inusitadas e inexploradas por revelar.

Farwarmth

Eletrónicas

Afonso Arrepiá Ferreira

Afonso Ferreira é um dos músicos e agentes culturais de uma novíssima geração de agitadores na capital, quer enquanto promotor ligado à editora *Alienação* (cujo trabalho tem vindo a ser fulgurante e meritório na promoção de uma certa eletrónica paisagista mas inquieta), quer enquanto figura tutelar do projeto *Farwarmth*,

© João Viegas



cujo percurso ao longo do último ano conheceu uma série de pontos altos, com concertos marcantes no Festival Múltiplo ou na Galeria Zé dos Bois (na primeira parte de Kara-Lis Coverdale), entre muitos outros. O álbum *Beneath the Pulse*, de finais de 2016, constitui um primeiro e rico capítulo numa música cujas texturas declaradamente digitais (ainda que várias das fontes sonoras tenham proveniência acústica) deixam transparecer um desejo de organicidade, luminosidade e revelação bucólica que parece apontar a direção dos seus caminhos futuros.

10.000 Russos + Jonathan Ulriel Saldanha

Guitarra elétrica Pedro Pestana
Baixo André Couto Bateria,
voz João Pimenta Eletrónicas
Jonathan Ulriel Saldanha

Uma colaboração inédita e, no mínimo, imprevisível entre dois altos representantes da contemporaneidade criativa na cidade do Porto, e um concerto no qual, adivinhamos, o conceito de “espaço” desempenhará um papel fundamental. Se, por um lado, a música dos 10.000 Russos – trio cuja justíssima afirmação a nível nacional e internacional (mais de uma centena de concer-

tos pela Europa, no ano que passou) tem sido fulgurante –, opera numa relação aparentemente contraditória entre a claustrofobia e a expansividade e entre o pendor *noir* associado ao *post-punk* e a explosão de cor aparente do psicadelismo, já as criações do compositor Jonathan Ulriel Saldanha se assumem como celebrações da arquitetura física e emocional dos locais e da memória, evidentes nos vários trabalhos comissionados que tem vindo a desenvolver com coros de

© Luca Giorietto



várias dezenas de membros, em espaços performativos inusitados e plenos de história. Trata-se, então, de um encontro entre músicos que trabalham a especialização do som de formas muito diferentes (com movimentos “de dentro para fora”, num caso, e de “fora para dentro”, no outro), e entre correntes aparentemente tão díspares como a metronomia do rock e as pontas soltas do dub. Uma colaboração, como dissemos, inédita, imprevisível e certamente surpreendente. A não perder por razão alguma.

